



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
CURSO DE JORNALISMO**

RAILSON LOPES DA SILVA

**ARRASTADOS: DA ESTÉTICA LITERÁRIA À DENSIDADE DA INVESTIGAÇÃO
JORNALÍSTICA**

**CAMPINA GRANDE
2022**

RAILSON LOPES DA SILVA

ARRASTADOS: DA ESTÉTICA LITERÁRIA À DENSIDADE DA INVESTIGAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de Concentração: Mídia e Estudos Culturais

Orientadora: Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

CAMPINA GRANDE
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Railson Lopes da.
Arrastados: da estética literária à densidade da investigação jornalística [manuscrito] : Jornalismo Literário; Livro-Reportagem; Daniela Arbex; Brumadinho. / Railson Lopes da Silva. - 2022.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra, Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Jornalismo Literário. 2. Livro-Reportagem. 3. Daniela Arbex. 4. Barragem de Brumadinho. I. Título

21. ed. CDD 070.4

RAILSON LOPES DA SILVA

**ARRASTADOS: DA ESTÉTICA LITERÁRIA À DENSIDADE DA INVESTIGAÇÃO
JORNALÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Coordenação do Curso de
Comunicação Social da Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do
título de Bacharel em Comunicação Social –
Habilitação em Jornalismo.

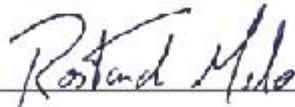
Aprovado em: ____ de ____ de ____

Banca Examinadora



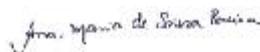
Profª Dra. Ada Keesa Guedes Bezerra

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Ma. Ana Maria de Sousa Pereira

Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos (CESREI)

*Quero ajudar a escrever a memória coletiva do
nosso país (ARBEX, 2022).*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. NARRATIVA LITERÁRIA COMO RECURSO LINGUÍSTICO NA DESCRIÇÃO DOS FATOS.....	07
3. LIVRO-REPORTAGEM: UMA PROPOSTA DE EXTENSÃO DA PAUTA.....	09
4. JORNALISMO INVESTIGATIVO: UM APORTE NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO.....	11
5. DANIELA ARBEX E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA JORNALISMO LITERÁRIO.....	13
6. A TRAGÉDIA EM BRUMADINHO POR DANIELA ARBEX – UMA ANÁLISE DO LIVRO-REPORTAGEM.....	15
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
8. REFERÊNCIAS	22

ARRASTADOS: DA ESTÉTICA LITERÁRIA À DENSIDADE DA INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA

DRAGGED: FROM LITERARY AESTHETICS TO THE DENSITY OF JOURNALISTIC RESEARCH

Railson Lopes da SILVA¹

RESUMO

Desde o seu surgimento, o jornalismo nunca deixou de passar por modificações. Os fenômenos sociais e as descobertas que ocorreram ao longo do tempo influenciaram, de alguma forma, em sua estrutura e rotinas produtivas que por vezes seguia um modelo pragmático e monótono. O modo de narrar os fatos, por exemplo, deixou de seguir um protocolo condicionante e cedeu espaço aos diversos formatos, inclusive a um deles que apresenta ramificações no estilo literário e que se caracteriza pelos aspectos do *New Journalism*. Considerando essa conjuntura, este artigo intenta compreender como a escrita literária se dá na prática e como é possível desenvolvê-la abarcando técnicas de investigação e humanização do relato. A finalidade deste escrito também se volta para examinar o gênero livro-reportagem como subterfúgio para a extensão da pauta. Para isto, foi realizada a análise do livro *Arrastados – Os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil*, da jornalista Daniela Arbex. Por intermédio de uma análise exploratória, descritiva e analítica, foi possível empreender o conhecimento dos meios que a autora utilizou na tessitura de seu texto que é construído a partir de um agrupamento de técnicas peculiares da escrita literária e da ação investigativa. Contribuíram para o balizamento deste artigo teorias de autores como: Jorge K. Ijuim (2016), Edvaldo Pereira Lima (1993), Leandro Fortes (2005), Oswaldo Coimbra (2004) e Cremilda Medina (2008) entre outros. A partir da análise realizada respaldadas nos autores aqui já elencados, chegou à conclusão de que a produção jornalística passou a receber fortes influências da humanização do relato e dos recursos característicos da literatura. Essa produção abre margem para a elaboração de um texto mais amplo em seu aspecto de abordagem que permite o agrupamento de artifícios jornalísticos e literários na construção das narrativas dos fatos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Livro-Reportagem; Daniela Arbex; Barragem de Brumadinho.

ABSTRACT

Since its inception, journalism has never ceased to undergo changes. The social phenomena and discoveries that occurred over the years influenced, in some way, its structure and its productive routine, which followed a pragmatic and monotonous model. The way of narrating the facts, for example, stopped following a conditioning protocol and gave way to different formats, including one that has ramifications in the literary style and that is characterized by aspects of *New Journalism*. Considering this conjuncture, this article tries to understand how literary writing takes place in practice and how it is possible to develop it, encompassing techniques of investigation and humanization of the story. The purpose of this writing also turns to examining the book-report genre as a subterfuge for the extension of the agenda. For this, an analysis will be made of the book *Arrastados – The backstage of the rupture of the Brumadinho dam, the biggest humanitarian disaster in Brazil*, by journalist Daniela Arbex. Through an empirical analysis, this work seeks to get to know the means that the author used in the fabric of her text,

¹ Aluno do Curso de Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

which is constructed from a group of peculiar techniques from literature and investigative action. Theories of authors such as: Jorge K. Ijuim (2016), Edvaldo Pereira Lima (1993), Leandro Fortes (2005), Oswaldo Coimbra (2004) and Cremilda Medina (2008) among others contributed to guide this article. From the analysis carried out supported by the authors already listed here, it came to the conclusion that journalistic production began to receive strong influences from the humanization of the report and from the characteristic resources of literature. This production makes room for the elaboration of a broader text in its aspect of approach that allows the grouping of journalistic and literary artifices in the construction of the narratives of the facts.

KEYWORDS: Literary Journalism; Book-Report; Daniela Arbex; Brumadinho.

1. INTRODUÇÃO

Assim como tantos outros pilares da sociedade, o jornalismo desempenha um papel crucial na conjuntura social. Schudson (1996) afirma que “um cidadão mais informado criará uma melhor e mais completa democracia”. A partir dessa asseveração, já é possível tomar conhecimento sobre a substancialidade da prática jornalística para o ecossistema de uma comunidade cívica. Park (1972) também corrobora sobre a teoria da relevância do jornalismo para o desenvolvimento social quando afirma que a notícia tem o objetivo de nortear os indivíduos e a sociedade num mundo real. Segundo o autor, conforme esse objetivo é alcançado, a sanidade desse indivíduo é preservada e a sociedade ganha caráter permanente.

É inegável que o jornalismo em mídias ditas como tradicionais como tv e rádio, mesmo enfrentando certas crises, continuou em expansão em diversos aspectos. E não apenas em termos de audiência ou equipamentos, mas o jornalismo avançou quanto aos seus formatos, aprimoramento de recursos, até mesmo no modo de comunicar. Grande parte dessas modificações se dá em razão do advento da tecnologia, mas também para atender interesses diversos, como afirma Juliano Basile em sua dissertação ao discorrer sobre as mudanças e adaptações do jornalismo: “Ele se renova a todo o instante. Assim, a concepção de atualidade no jornal se situa numa margem de tempo um tanto quanto elástica. (BASILE, 2009, p. 21).

Mas ao longo de todo esse percurso de adaptações e renovação, por muito tempo se acreditou na desafeição do jornalismo. Interpretações como essas levavam em consideração o acesso demasiado que os jornalistas acabam tendo com os fatos grotescos da sociedade e, por vezes, não expressam algum tipo de reação repulsiva quanto aquela situação – muito disso se sucedia por conta da teoria que o jornalista não poderia se envolver com a notícia, antes, deveria primar pela isenção e imparcialidade. A falta de envolvimento com o público ou até mesmo conteúdos que carregavam nas entrelinhas a estigmatização também pode ter contribuído para que houvesse considerações com esse teor. Para Ijuim (2016), ainda existe uma certa facilidade de encontrar durante a programação da imprensa reportagens com características preconceituosas e discriminatórias.

No entanto, pôde-se observar uma ruptura nessas concepções a partir dos novos gêneros que foram surgindo, bem como a reestruturação em que o jornalismo foi inserido, principalmente após o surgimento do movimento *New Journalism*. Criado em 1956 pelo jornalista Truman Capote, esse movimento surgiu das tentativas de empregar ao texto jornalístico um teor mais imaginativo e mais lírico sem perder a sua essência primordial de informar. O *New Journalism* também tem fortes ligações com o surgimento da contracultura nos Estados Unidos na década de 60, temática que será explorada neste artigo mais adiante.

Os novos gêneros que constituem o processo produtivo do conteúdo jornalístico ganharam uma nova roupagem, as técnicas agora se utilizam de outras ferramentas para que

haja a garantia de uma maior aproximação do jornalista com a sociedade e um maior compromisso com a ética e com a sensibilização na tratativa dos fatos, no intento de chegar à humanização dos relatos, até mesmo quando a abordagem perpassa a densidade da ação investigativa.

Portanto, este artigo objetiva compreender a conceituação das técnicas e dos processos que validam o jornalismo humanizado junto à narrativa literária e à investigação, bem como o seu processo produtivo como um todo. Para isso, torna-se objeto de análise o livro *Arrastados – Os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil*², dissecado em uma pesquisa exploratória, descritiva e analítica. Escrito pela jornalista Daniela Arbex, esse livro entrega um levantamento sobre o maior desastre humanitário do Brasil e apresenta uma descrição pormenorizada sobre os desdobramentos dessa tragédia que marcou a história do nosso país. Entender toda a tecnicidade utilizada para a elaboração dessa obra e observar a sua contribuição para a atual e futura conjuntura do jornalismo brasileiro também compõe o cerne desta discussão.²

2. NARRATIVA LITERÁRIA COMO RECURSO LINGUÍSTICO NA DESCRIÇÃO DOS FATOS

O jornalismo apresenta fortes relações com as mais variadas áreas de uma sociedade, no entanto, com a literatura, esse vínculo apresenta um grau muito mais acentuado. Ambas as áreas detêm características e ferramentas que se assemelham e que geram certa influência entre si, de forma respectiva. Mas é válido ressaltar que além da influência, profissionais de ambas as categorias já atuaram e/ou atuam de forma direta nas produções das duas áreas. “Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando os escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais” (PENA, 2006, p. 28).

Quando as redações ainda não tinham uma estrutura institucional organizada, eram os escritores que ficavam responsáveis pelo processo de produção dos periódicos, já que o seu contato com a escrita era muito mais frequente e intenso, se comparado com dos jornalistas que atuavam na época. Eram os romancistas que tinham espaço garantido na imprensa brasileira que, inclusive, produziam folhetins novelísticos e conteúdos com teor opinativo que carregavam as fortes particularidades do gênero literário.

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da História do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como New Journalism, iniciado nas redações americanas na década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção-jornalística. (PENA, 2006, p. 21, grifo do autor).

Construir um produto jornalístico sem a presença da narrativa é algo que se torna praticamente inviável. A premissa do bom jornalismo é que sempre seja apresentado ao menos o contexto da pauta abordada, como assevera Sodré e Ferrari (1993):

Conforme o assunto ou objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas características poderão aparecer com maior destaque. Mas será sempre

² Lançado em janeiro de 2022 pela Editora Intrínseca. Disponível para compra em: <https://www.intrinseca.com.br/resultado-de-busca/?livro=arrastados+>

necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem (SODRÉ; FERRARI apud LIMA, 1993, p. 28).

Ao tratarmos da relação que há entre jornalismo e literatura, abrimos margem para uma discussão ampla, analítica e necessária sobre a presença desse gênero textual nas produções jornalísticas. Para isso, conhecer a conceituação da narrativa é imprescindível para que possamos chegar a entendimentos assertivos a respeito da temática em questão. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari definem narração da seguinte forma:

[...] a ordenação de fatos, de natureza diversa, externos ao relator (mesmo quando o narrador é parte dos fatos, isto é, participa da ação que está sendo narrada). No texto comunicativo, os acontecimentos (desde a mais simples notícia até a grande-reportagem), situados no nível de uma sequência temporal, constituem uma narrativa. (SODRÉ; FERRARI apud LIMA, 1993, p. 28).

Jens Brockmeier (2003), por sua vez, descreve a narrativa como um conjunto de estruturas que carregam uma série de traços sobre a escrita literária:

Em seu sentido mais corrente e geral, a narrativa é o nome para um conjunto de estruturas linguísticas e psicológicas transmitidas cultural e historicamente, delimitadas pelo nível de domínio de cada indivíduo e pela combinação de técnicas sócio comunicativas e habilidades linguísticas (...) e, de forma não menos importante, por características pessoais como curiosidade, paixão e por vezes, obsessão ((BROCKMEIER; HARRÉ, 2003, p. 526).

De modo geral, é possível compreender que o jornalismo recorre aos artifícios da narrativa para esmerar a abordagem da realidade em suas produções, sem se desvencilhar da tecnicidade do processo produtivo do jornalismo em sua essência (apuração, checagem, investigação...). O produto jornalístico que emana dessa relação rompe com as barreiras do *lead* e alcança as possibilidades de conquistar um texto imbuído de pormenores e de particularidades esteticistas que legitimam o jornalismo literário. Oswaldo Coimbra explica que:

A adoção do modelo de estrutura de narração no texto de imprensa nos traz de volta à questão da relação do texto com o referente, com o contexto extraverbal. A representação do real – a diegese – num conto, numa peça teatral, num filme, [...] parece diferir da representação do real de uma narrativa de jornal, pois, enquanto a primeira emana de uma criação de fábula, a segunda é comandada pelos acontecimentos no seu dia-a-dia. No entanto [...], seja a ação representada ou a ação vivida, caem todas nas mesmas categorias. (COIMBRA, 1993, p.16).

Diferentemente dos conteúdos tradicionais que são fruto da frenética rotina das redações, a produção que se enquadra nos moldes do texto jornalístico literário amplia as possibilidades de alcançar o estágio de humanização do relato. Medina (2003), afirma que é preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano. Portanto, os recursos ofertados pela gramática do jornalismo tradicional acabam ficando subordinados à objetividade característica das redações que focaliza seus trabalhos na abordagem da factualidade dos contextos sociais.

A objetividade, então, surge porque há uma percepção de que os fatos são subjetivos, ou seja, construídos a partir da mediação de um indivíduo, que tem preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais ou organizacionais e outras idiossincrasias. E como estas não deixarão de existir, vamos tratar de amenizar sua influência no relato dos acontecimentos (PENA, 2005, p.50).

No entanto, no jornalismo literário, os fenômenos que compreendem a realidade da conjuntura social encontram refúgio para não ficarem abalizados pela fugacidade e pela superficialidade dos noticiários que concebem a mídia convencional. É a partir dessa proposta que a humanização se constitui na construção do texto jornalístico, dantes, apresentava efemeridade e ausência de recursos estéticos, agora, conta com artifícios da literatura como subterfúgio frente à temporalidade da sociedade contemporânea.

Ainda que grande parte dos textos gerados pelos meios de comunicação respondam às características que a academia e o sentido comum popular lhes atribuem – fungibilidade, evanescência, presentismo, escassa ou nula qualidade estética –, o jornalismo moderno foi traçando durante o último meio século uma tradição própria, integrada por peças que cabe considerar plenamente literárias. (CHILLÓN, 1999, p. 62).

Para que essa nova caracterização do jornalismo que recebe as influências da escrita literária seja validada de fato, o jornalista precisa estar imerso na experiência como um todo. Haja vista as fortes influências das rotinas produtivas que se desdobram para abarcar a alta demanda de pautas que emanam do corpo social, o jornalista que assume o compromisso com a humanização da pauta precisa se desvencilhar dos costumes que legitimam a produção vertiginosa dos grandes veículos de comunicação. A crueldade do modo de produção capitalista não tem deixado muitas brechas para que possamos ter esperanças num jornalismo melhor (IJUIM, 2016, p. 9).

Portanto, torna-se fundamental uma séria revisão das objetivações sobre ir a campo em busca dos acontecimentos, já que na maioria das vezes esse processo é desempenhado para gabaritar as indagações que integram a composição do *lead*. O jornalista precisa, além de seguir os requisitos de cunho técnico, abdicar de toda e qualquer prática convencional que não dialoga com os mecanismos da humanização dos relatos, como afirma Ijuim (2016):

Para um jornalismo humanizado, como suponho, que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. No trabalho de apuração, o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação - é a expressão dos sentidos da consciência - dos seus entrevistados e da sua própria consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. (IJUIM, 2016, p. 9).

"O autor abandona a arrogância de dono da verdade e mergulha com delicadeza no pântano anônimo do cotidiano incerto e não sabido" (MEDINA, 2003, p.135). A partir da asseveração de Medina, podemos compreender que o jornalista que entende o valor da humanização e que a prioriza em suas produções, deve se despir do pragmatismo dos protocolos condicionantes da mídia regular e partir para uma nova experiência onde quem demanda a pauta é o mundo e as suas conjunturas, sejam elas triviais ou não.

3. LIVRO-REPORTAGEM: UMA PROPOSTA DE EXTENSÃO DA PAUTA

Desde as suas primeiras atuações na sociedade, o jornalismo nunca deixou de passar pelo processo de transformações e aprimoramento no que concerne às suas práticas de produção dos noticiários, bem como às suas inúmeras formas de comunicar. Ao passo em que os fenômenos na sociedade aconteciam, o fazer jornalístico, por sua vez, recebia algum tipo de influência.

Um exemplo desses processos que merece destaque neste trabalho é a nova estruturação que o jornalismo ganhou após o surgimento do *New Journalism*. Foi na década de 1960, nos Estados Unidos, que profissionais da área se viram insatisfeitos com o *modus operandi* convencional da produção jornalística, que estava balizado pelo tradicional *lead*, que se limitava a responder as seis perguntas que o caracterizavam: O quê?; Quem?; Quando?; Onde?; Por quê?; E como?. Foi a partir desse descontentamento que o surgimento desse novo formato se sucedeu e se fortaleceu ao longo dos anos vindouros.

É importante salientar que essas novas técnicas que legitimavam o surgimento do movimento *New Journalism*, começaram a ser adotadas pelos profissionais que enxergaram a necessidade de ir além da estrutura de noticiário disponível à época, para elaborar o relato da conjuntura que se formava a partir de uma revolução comportamental suscitada por jovens que se negaram a seguir o *American Way of Life*, estilo de vida surgido após a Primeira e Segunda Guerra Mundial, que se norteava pelo imperialismo, materialismo, padronização social e por alguns valores de cunho liberalista. Esses jovens optaram, então, por viver segundo o movimento *hippie*.

Surgiam os produtos culturais alternativos para relatar a grande revolução de costumes que os jovens empreendiam. O *rock and roll* ganhou nova vida como expressão musical, o cinema *underground* quebrava o estilo pasteurizado de Hollywood, as músicas de protesto questionavam o status quo, as artes plásticas desciam ao cotidiano da civilização industrial para retratar uma coisa tão prosaica quanto uma lata de sopa, fazendo as pessoas reler sua própria realidade. Era uma época irreverente, questionadora, cheia de possibilidades e criatividade (LIMA, 1993, p. 45).

Foi a partir desses acontecimentos que os jornalistas foram despertados pela própria importância de registrar aquele momento específico e um tanto peculiar, que começaram o processo de inserção nas redações da nova estrutura que se formava para ser aplicada na produção dos produtos jornalísticos. A contar dessa situação, jornalistas redigiam os seus textos carregados de detalhes sobre o que acontecia naquele momento. Foi daí, então, que o livro-reportagem começou a ganhar destaque. Contudo, Belo (2013) afirma que O livro-reportagem não tem, de fato uma data de nascimento. O autor ainda afirma que “mesmo assim é possível estabelecer um ponto de partida aproximado: a reportagem em livro começou a ganhar força como um subgênero da literatura na Europa do século XIX.” (BELO, 2013, p. 19). Ao longo dos anos, o livro-reportagem foi conquistando uma maior adesão por parte da imprensa brasileira e, de acordo com que as obras eram elaboradas e desenvolvidas, a modalidade da produção ia ganhando novos aspectos em sua estrutura e assim seguia garantindo o seu lugar no mercado editorial.

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior aos tratamentos costumeiros nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2004, p. 26).

O leque de possibilidades que o livro-reportagem outorgou ao jornalismo o desprende das amarras da superficialidade e lhe permitiu observar e abordar os fenômenos sociais não só pela ótica mercadológica e/ou industrializada, mas também por uma perspectiva humanizada, empática e ponderada.

Em síntese, é para isso que serve o livro-reportagem: para estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional. Mais, ainda, o livro-reportagem transcende as concepções norteadoras do jornalismo atual. Tem potencial para assumir posturas experimentais. Tem pique suficiente, se trabalhado de forma adequada, para fazer nascer a vanguarda de um jornalismo realmente afinado com as tendências mais avançadas do conhecimento humano contemporâneo. Em outras palavras, o livro-reportagem poderá ser a ponta-de-lança para o desenvolvimento de um jornalismo holístico, que busca uma abordagem contextual e dinâmica da realidade. (LIMA, 1998, p.16).

O jornalista e escritor norte-americano Truman Capote foi o responsável pela criação e pela solidificação do *New Journalism*. No ano de 1965, Capote lançou o seu livro “A Sangue Frio”, totalmente estruturada com os recursos da escrita jornalística e literária. A partir de sua obra, o jornalismo literário começou a ganhar robustez e angariou, ao longo dos anos vindouros, diversos expoentes como Gay Talese, Tom Wolfe, Jimmy Breslin, Norman Mailer. Uma das características de Capote era acreditar na possibilidade de expor fatos reais fazendo uso de recursos emotivos próprios dos romances ficcionais.

As fortes influências da produção americana de livros-reportagem fizeram com o que, no Brasil, o formato fosse adotado e utilizado por alguns jornalistas, dentro de suas rotinas produtivas. Essa utilização começou a se fortalecer principalmente ao longo do período ditatorial (1964 –1985), quando a censura tinha sido imposta aos veículos de comunicação, e um dos meios que os jornalistas encontraram para registrar os ocorridos e realizar as suas denúncias sobre aquele cenário foi a produção literária, que não sofria tanto com o regime intransigente. Basile (2009) corrobora com essa afirmação quando relata em tese que os jornais continuam lutando durante o regime militar para manter seu espaço, ainda que convivendo com uma série de dificuldades, como a presença constante da censura no período, principalmente nos anos 1960 e 70.

Ricardo Setti (1968), Fernando Morais (1985), Zeunir Ventura (1989), Edvaldo Pereira Lima (1995) e Ruy Castro (1996) foram alguns responsáveis pelas produções que se destacaram já no fim do século XX. Já Caco Barcellos (1992), Jorge Caldeira (2000), Toninho Vaz (2001), Elio Gaspari (2002), Roberto Menna Barreto (2003), Eliane Brum (2006) e Fabiana Moraes (2015) são alguns dos nomes que lançaram títulos no início do século XXI, que inclusive contribuíram para a expansão desse novo veículo de comunicação que é o livro-reportagem.

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2004), é inegável que essa modalidade de veículo da grande-reportagem faz parte do já vasto panorama em que se apresenta o jornalismo moderno, diversificado em suas múltiplas faces.

4. JORNALISMO INVESTIGATIVO: UM APORTE NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

Também se faz necessário elencar como um dos eixos do trabalho da Daniela Arbex, em seu escrito “Arrastados: os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil”, um dos maiores pilares do jornalismo: a investigação. Dentre os processos que foram realizados pela escritora para conseguir alcançar o resultado final de sua obra, com todos os pormenores descritos ao longo de sua narrativa, investigar as verdadeiras causas daquela tragédia foi elementar na garantia da entrega de um conteúdo fidedigno à triste realidade que a cidade Brumadinho-MG enfrentou em janeiro de 2019, com o rompimento da barragem.

Mas para levar essa abordagem adiante, antes de mais nada, é substancial a apresentação do conceito de investigação. As nuances que envolvem o jornalismo investigativo demandam de uma análise sistemática para que se consiga chegar à uma conclusão mais completa e

assertiva sobre a temática. O Manual de Jornalismo Investigativo “A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos”, por sua vez, considera que:

Esse tipo de prática da categoria, [...], envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem a entendimento. Ele requer o uso tanto de fontes e documentos secretos quanto divulgados. (UNESCO, 2009, p.8).

A caracterização dessa modalidade também se dá por meio do uso de ferramentas e artifícios que estão menos presentes nas rotinas de produções factuais. Embora o fazer jornalístico convencional já abarque a investigação como premissa no início do seu processo de produção, ainda é possível enxergar as divergências que há entre a produção do conteúdo convencional e o que é elaborado a partir de uma investigação meticulosa e estratégica.

A cobertura convencional de notícias depende amplamente – e, às vezes, inteiramente – de materiais fornecidos pelos outros (por exemplo, pela polícia, governos, empresas, etc.); ela é fundamentalmente reativa, quando não, passiva. A cobertura investigativa, em contraste, depende de materiais reunidos ou gerados a partir da própria iniciativa do (a) repórter (e por isso ela é frequentemente chamada de “cobertura empreendida” – em inglês, “enterprise reporting”). (HUNTER, 2013, p.10).

Além de tomar conhecimento da conceituação do termo, torna-se fundamental traçar um panorama sobre o contexto histórico do jornalismo investigativo no Brasil para se obter uma maior compreensão da trajetória que essa modalidade do jornalismo brasileiro percorreu.

O surgimento do jornalismo investigativo no país só se sucedeu após o processo de redemocratização (1985). Durante o período da ditadura militar, a classe de jornalistas sofria com as limitações para exercer o seu ofício, já que enfrentava ali um cenário de censura. Assim foi ao longo de mais de duas décadas, período que perdurou o regime ditatorial que o Brasil vivenciou.

No Brasil, o boom da investigação jornalística teve que esperar o fim da ditadura militar (1964-1985) para acontecer. Durante os 21 anos de rodízio de generais no Palácio do Planalto, a imprensa brasileira ficou, em maior e menor escala, sufocada pela censura e pela força da repressão. Vivia, aqui e ali, de iniciativas pontuais. Com a redemocratização do país, em 1985, os jornalistas começaram a respirar, a fugir do noticiário oficial e, finalmente, a buscar a melhor notícia – aquela que está escondida (FORTES, 2005, p.10).

Mas só no início da década de 90 que o jornalismo investigativo ganhou mais robustez. Foi a partir de 1990 que a investigação ganhou mais espaço nas redações de todo o país. Para Leandro Fortes (2005) o *impeachment* de Collor é o marco zero do jornalismo investigativo no Brasil. A partir dele, jornalistas e donos de empresas de comunicação viram-se diante de uma nova e poderosa circunstância, com consequências ainda a serem dimensionadas.

Com o passar do tempo, essa modalidade acabou sendo tratada de forma menos específica, mas não perdeu o seu espaço nas redações - e nem deveria – e também nas produções independente de produtos jornalísticos, como o é o caso da Daniella Arbex. Em seu livro “Arrastados”, Daniela entrega ao seu leitor uma experiência de leitura integralizada. A autora tece a sua obra a partir de vieses que estão para além do relato efêmero e superficial. Para isso, ela vai em busca de todos os que compõem a lista de vítimas da tragédia em meio ao cenário de guerra formado pelo rompimento da Barragem do Córrego do Feijão, que aconteceu no mês de janeiro de 2019, no município de Brumadinho-MG. Além dessa busca, Daniela ainda integra em seu escrito a sondagem realizada por ela, junto às fontes oficiais, para ter o conhecimento

sobre a atual situação das medidas que estavam sendo tomadas para amenizar o caos causado pela ruptura da barragem. Não sendo o bastante, ela procurou ter o posicionamento de especialistas para compreender a realidade do município de Brumadinho quanto aos riscos de novos rompimentos. No entanto, até a publicação do seu livro (janeiro de 2022) ela não tinha conseguido respostas concretas referentes à periculosidade que a população daquela região ainda poderia estar enfrentando, já que a cadeia produtiva de minério naquela região é intensa e é responsável por grande parte da porcentagem do Produto Interno Bruto (PIB) daquela cidade – Só em 2018, a produtividade desse setor chegou à média de 80% do PIB, segundo informações apresentadas pela própria autora em sua obra.

5. DANIELA ARBEX E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O JORNALISMO LITERÁRIO

Grande nome do jornalismo literário brasileiro, Daniela Arbex, nascida no ano de 1973, em Juíz de Fora, cidade mineira, mostrou desde o início de carreira grande afinidade com o jornalismo impresso. Manejando bem a escrita, Daniela, que é jornalista, escritora e documentarista, superou desafios geográficos e alçou voos que lhe garantiu lugar de destaque no jornalismo do país. Literalmente, Daniela rompeu fronteiras com a sua significativa contribuição para o jornalismo independente/investigativo/humanizado.

Formada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 1995, Daniela Arbex foi repórter especial do jornal Tribuna de Minas³, onde iniciou a sua carreira e desempenhou seu trabalho por mais de duas décadas. Mas a sua afinidade com a literatura atrelada à investigação se deu ainda quando a jornalista era acadêmica, durante a elaboração de trabalhos laboratoriais⁴. No entanto, foi em 2013 que parte do Brasil pôde ter acesso a sua primeira obra literária: “Holocausto Brasileiro”. Até o ano de 2021, o *best-seller*, que foi considerado o melhor livro-reportagem do ano de 2013, tinha mais de 300 mil exemplares vendidos. A partir desse escrito, Daniela Arbex reforçou o seu compromisso com a construção memorial do nosso país, não vislumbrando apenas suas belezas e conquistas, mas dando enfoque ao que há de mais doloroso, as feridas mal curadas do nosso passado, oriundas da desigualdade e da justiça social.

Após o lançamento da sua primeira obra, Daniela deu prosseguimento à documentação dos fenômenos ocorridos ao longo dos anos e que marcariam a história do país. Para compor o seu conjunto de obras, lançou também “Cova 321” (2015), “Todo dia a mesma noite” (2017), “Os dois mundos de Isabel” (2020) e, em 2022, lançou “Arrastados”, quando conseguiu relatar com precisão e sensibilidade os desdobramentos do maior desastre humanitário do país: o rompimento da barragem de Brumadinho. Com o seu novo escrito, ela garantiu que mais um caso de injustiça que se deu em território brasileiro não caísse no esquecimento, fazendo com que a sua obra conquistasse um valor inestimável por se tratar de um documento sobre esse caso hediondo, que manifestou tamanha irresponsabilidade que tirou a vida de 270 pessoas. É impossível pensar na possibilidade de considerar esse caso apenas no contexto factual. Arbex reconheceu isso e, mais uma vez, fez valer a sua percepção sobre o aquilo que é pretérito, que não pode ser esquecido em hipótese alguma. Quando em entrevista ao portal Veja, Daniela endossou o que já havia afirmado dantes, que “esquecer é negar o passado, e que construir a memória é um dos compromissos essenciais do jornalismo de qualidade”:

Algo que me fortaleceu no meu trabalho, especialmente na última década, é ver que estou ajudando a escrever a memória coletiva do nosso país. Dizem que o Brasil é um país sem memória, mas não dá pra perder aquilo que não foi

³ Jornal da cidade de Juíz de Fora, Minas Gerais, fundado no mês de setembro de 1981.

⁴ Informações cedidas pela autora em uma palestra ministrada na PUC Minas no fim de abril de 2022. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/daniela-arbex-filha-do-papel-e-voz-da-resistencia/>. Data de acesso: 07 de novembro de 2022.

construído. Então esse tipo de registro é necessário. Esquecer é negar a história. Me toca muito perceber que esses trabalhos que fiz servem inclusive como documentação histórica. (ARBEX, 2022).

Além de coadjuvar na construção da história do nosso país, Daniela Arbex tem construído também o seu legado profissional por intermédio do seu trabalho desenvolvido. A autora se destacou não apenas por se dedicar aos casos específicos onde versa sobre injustiça, mas também por ter intrepidez e não permitir ser coagida pelos riscos de retaliações que poderia sofrer, por tocar em assuntos delicados e que incomodam certos indivíduos que certamente carregam uma parcela de culpa. Além disso, Daniela ainda precisa lidar com intempéries que encontra no processo de produção, já que estamos tratando de acontecimentos que envolvem a infração de direitos humanos e que resultaram em grandes infortúnios. Mesmo assim, Daniela encontra motivações para seguir trabalhando dando visibilidade aos que tem menos voz na sociedade, principalmente quando observa o potencial de criar memórias vitais que as suas obras detêm.

Penso que o livro sobre Brumadinho é importante para entendermos o país como sociedade civil. Órfãos que perderam pais no maior desastre ambiental, que não conseguem nem dimensionar essa perda na vida deles e foram arrancados de seu lugar de origem, poderão ler essa história daqui 20 anos.⁵

Legitimando a proeminência do seu trabalho, Daniela se tornou uma das jornalistas mais premiadas de sua geração. Conquistou, até então, mais de 20 prêmios nacionais e internacionais em seu currículo. Com destaque para a tríade do prêmio Esso: o americano *Knight International Journalism Award* (2010), o prêmio IPYS de Melhor Investigação Jornalística da América Latina (2009) e o Natali Prize, que ela recebeu na Bélgica em 2002. Já no ano de 2014, Daniela garantiu o segundo lugar do prêmio Jabuti na categoria livro-reportagem por “Holocausto Brasileiro” e em 2016 a autora ficou com a primeira colocação no prêmio Jabuti, na categoria livro-reportagem por “Cova 312”. Um dos últimos prêmios conquistados até hoje veio no de 2020, quando foi vencedora do Troféu Mulher Imprensa, na categoria Repórter Investigativa.

Todas as premiações acima elencadas caucionam a importância do trabalho desenvolvido por Daniela e tributa às suas obras o mérito que lhes é digno. Obras essas que estão para além de um jornalismo frio e ordinário, que rompem com as barreiras da brevidade e conquistam natureza indelével. Que não consideram o outro como objeto, mas como humano, de fato, em sua forma mais trivial de ser, com suas peculiaridades, com seus anseios e receios. É com essas faculdades que Daniela Arbex compõe a tessitura de suas obras que estão respaldadas na realidade do nosso país.

Não poderia ser diferente. As práticas e os formatos do jornalismo factual não permitiriam tamanha autonomia para versar, com precisão, sobre fenômenos de grande magnitude, como foi o caso do rompimento da Barragem de Brumadinho-MG. Uma “matéria quente” jamais nos garantiria acesso a um relato abrangente e detalhado sobre o que aconteceu naquela cidade mineira. Não nos aproximaríamos sequer de ter a experiência de compreender, mesmo que de modo remoto, o que aquelas pessoas vivenciaram.

No dia 25 de janeiro de 2019, o Brasil passou pelo o seu maior desastre da história. O ponteiro do relógio marcava 12h28, quando na cidade de Brumadinho, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte no estado de Minas Gerais a Barragem B1 da mina do Córrego do Feijão, que inclusive estava desativada, rompeu. Naquele momento, 314 trabalhadores executavam o seu serviço na Mina do Feijão que pertence à mineradora multinacional brasileira, a Vale. Segundo, Fábio Schvartsman, o presidente da empresa, 12 milhões de metros cúbicos vazaram da barragem B1 após o seu rompimento, gerando uma onda gigantesca de rejeito de

⁵ Trecho retirado da entrevista da Revista Veja, disponível em: <https://veja.abril.com.br/ideias/daniela-arbex-quer-ajudar-a-escrever-a-memoria-coletiva-do-nosso-pais/>. Data de acesso: 08 de novembro de 2022.

minério que destruíra tudo o que via pela sua frente, até vidas, infelizmente. A tragédia que aconteceu na cidade de Brumadinho foi antecedida por um outro desastre que também aconteceu em território mineiro. No dia 05 de novembro do ano de 2015, a barragem da Samarco também se rompeu e provocou o maior desastre socioambiental no setor da mineração. Nesse caso, cerca de 45 milhões de metros cúbicos de rejeito de minérios vazaram após o rompimento. De todas as vítimas desse desastre, infelizmente, dezenove não conseguiram sair com vida. E a história se repete. Mais uma vez, o povo mineiro se viu em um dos piores cenários que o Brasil já enfrentou com o rompimento da B1

O livro, composto por 18 capítulos, anula toda e qualquer dúvida da inocência da Vale. Daniela faz questão de trazer em “Arrastados” dados que comprovam a irresponsabilidade da multinacional frente ao desastre, e ainda contribuí para a construção da memória do acontecimento em questão.

6. A TRAGÉDIA EM BRUMADINHO POR DANIELA ARBEX – UMA ANÁLISE DO LIVRO-REPORTAGEM

Muito se fala sobre a elegância que o jornalismo detém. Grande parte desses discursos se apoiam na retórica de muitos profissionais, em seus trajes, na formalidade, no modo de agir frente às mais variadas circunstâncias. Ou seja, o conteúdo patente do jornalismo tem a sua influência na construção desse contexto. Contudo, aquilo que é latente e que integra esse ambiente nem sempre ganha lugar de destaque. A evidência do ofício deve estar em conseguir cumprir o seu papel junto à sociedade; de buscar justiça para os que são injustiçados, de formar opinião, de informar, de ampliar e reverberar a voz dos que são silenciados e de ter, de fato, um compromisso relevante. Ijuim (2016, p.7) corrobora com essa tese quando afirma que “o jornalismo só tem sentido se envolver um compromisso diante da sociedade – um compromisso diante da vida.”

Daniela Arbex, por sua vez, firmou esse compromisso sem pestanejar. O seu elo com a sociedade é manifestado em suas obras e por sua atuação junto à conjuntura social. A “elegância” do seu trabalho não se limita às câmeras, aos microfones ou a qualquer outra ferramenta que esteja relacionada ao jornalismo convencional. A ênfase do seu trabalho está em sua escrita pujante e catalizadora, que não narra apenas os fatos superficialmente, mas que insere o leitor, por meio de um agrupamento de descrições detalhadas, no ambiente no qual ela trata em sua obra. Assim foi com “Arrastados”.

O jornalista Pedro Bial (2022), responsável por prefaciar a obra de Daniela Arbex, ao se referir ao conteúdo do livro, afirma que o leitor pode chegar a sentir o gosto da lama proveniente da mistura da terra com os rejeitos de minério. Ele ainda assevera que o texto da jornalista é capaz de fazer com que o leitor sinta arder o sal das lágrimas daqueles que sofreram com a perda de um membro da família ou de um amigo, ou até mesmo daqueles que perderam tudo, até as memórias de uma vida passada – suas fotografias. A obra que retrata a maior tragédia do país não deixou lacunas e nem sequer transmitiu a sensação de brevidade, pelo contrário, é rica em precisão, responsabilidade, ética, coesão e sensibilidade. Além disso, carrega, ao longo de suas páginas, o teor do incômodo pela injustiça que levou tanta gente a viver, de forma súbita e desumana, aquele cenário caótico e fatal.

No primeiro capítulo do livro (No território bilionário das minas), Daniela Arbex já se preocupa em inserir o seu leitor no cenário que estava prestes a ter a sua rotina transfigurada pela lama. A sucessão de detalhes elencados na abertura do texto, que apresenta a rotina dos funcionários da Vale S.A. já demonstra a sintonia de sua narrativa jornalística com a narrativa literária. Já nas primeiras páginas, Daniela preza pela contextualização e pela descrição. Esses, inclusive, se caracterizam pelo processo da *ambientação*, termo criado por Osman Lins (1976). O romancista, segundo Dimas, prefere reservar a palavra espaço para designar dados da realidade, denominando a ambientação de "o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente" (1987, p. 20). Esses

aspectos podem ser observados já no primeiro parágrafo do capítulo 1, quando Daniela faz a seguinte descrição:

O ônibus verde e branco desceu a rua Itaguá com 10 minutos de atraso. Todos os dias, o veículo da companhia Rio Negro, especializada em fretamento, fazia uma espécie de romaria para apanhar passageiros em Brumadinho, cidade de Minas Gerais de apenas 40 mil habitantes, mas com o dobro da área da capital, Belo Horizonte. (ARBEX, 2022, p. 17).

Ainda na parte introdutória do texto, é possível identificar os recursos utilizados para garantir a caracterização dos personagens que dão vida à sua obra. Nas primeiras linhas o leitor já se depara com os primeiros nomes que vão surgindo, obedecendo uma ordem cronológica e habitual que tão logo teria o seu curso mudado pelo tsunami de lama que percorreria pelo município de Brumadinho e pelas outras 17 cidades da região. Gleison Welbert Pereira, 49, encabeça a lista dos que, por ter sido vítima do desastre, têm o seu nome incluído na obra de Daniela:

A viagem começava antes do nascer do sol no distrito de Conceição de Itaguá. De lá, o ônibus seguia para o bairro Grajaú, onde o técnico de mina Gleison Welbert Pereira, 41 anos, já o esperava. Como não usava relógio de pulso, ele dava espiadinhas na tela do celular para conferir o horário. Eram 6 horas. Apertou nervosamente os lábios, preocupado com o turno de trabalho que se iniciaria às 7 horas na Mina de Jangada (ARBEX, 2022, p. 17).

A caracterização se dá justamente quando Arbex compartilha peculiaridades intrínsecas aos seus personagens. Perceba como ela realça certos hábitos e receios do personagem Gleison:

Ao embarcar, o funcionário da multinacional cumprimentou o motorista, encostou o crachá no leitor magnético e caminhou até a penúltima poltrona, a de número 30. Ajeitou-se ao lado da janela, como de costume. Graduado em Administração de Empresas, ele tinha as próprias teorias quando o assunto era segurança. Por isso, nunca se sentava na mesma fileira do condutor. Achava que, em caso de acidente, as chances de sobrevivência seriam maiores se estivesse no lado oposto. (ARBEX, 2022 p. 18).

É válido ressaltar que a jornalista corrobora o seu texto com dados e informações que são imprescindíveis para uma compreensão da magnitude do contexto que é descrito em sua obra. Fazendo jus à finalidade central do jornalismo em sua essência que é informar, a autora consegue estruturar o seu texto se valendo dos artifícios literários e jornalísticos e entrega, portanto, um conteúdo integral e categórico. São referências que colaboram para que o leitor amplie o seu conhecimento sobre algumas peças descritas ao longo do livro, como por exemplo, localidades regionais, dados populacionais, quadro de funcionários da empresa, bem como aspectos econômicos relacionados à produtividade local:

Em 2018, Feijão produzira, sozinha, 8,5 mil toneladas. Juntas, as seis mineradoras que operara em Brumadinho, além da Vale, haviam exportado naquele ano 11,2 milhões de toneladas. Em Brumadinho, a atividade mineradora movimentara, também apenas em 2018, US\$ 529,5 milhões em exportações - aliás, quase 3% de todo o minério de ferro vendido por Minas Gerais para outros países naquele ano saíra das reservas minerais situadas dentro do município. Convertido pela média do câmbio do dólar, que na época era de R\$3,87, o valor superava R\$ 2 bilhões, algo em torno de 80% do Produto Interno Bruto (PIB) de Brumadinho. Os royalties da produção somaram R\$35,6 milhões em arrecadação municipal, sendo que 25% desse valor foi pago pela VALE. [...] Levando-se em conta toda a cadeia produtiva da mineração, o ferro

representava 15% da economia de Minas Gerais, sendo a Vale, sozinha, responsável por praticamente a metade disso. Dos quase R\$ 1 trilhão por ano que a economia bruta do estado movimentava - o valor representava a somatória de todas as riquezas geradas -, cerca de R\$ 70 bilhões eram provenientes da cadeia de produção ligada à multinacional. (ARBEX, 2022, p. 20 e 21).

Algo que merece destaque durante esta análise é a ênfase que foi dada pela autora aos protocolos de segurança que foram seguidos pelos funcionários da Vale. Gleison, por exemplo, era um dos responsáveis pela segurança de boa parte dos funcionários e cumpria o seu papel junto aos demais empregados para garantir um ambiente laboral seguro para todos, o que não aconteceu com a própria empresa que, mesmo sabendo dos riscos, não se antecipou para solucionar a situação caótica da barragem que já anunciava um alto risco. Perceba o senso de responsabilidade expresso pelas atitudes de Gleison descrito por Daniela:

Nunca fiquem sob carga suspensa. Na hora da detonação, respeitem o afastamento mínimo as máquinas, que é de 300 metros, enquanto verifico se o local foi esvaziado e se os equipamentos estão na poção correta. Cumpram todas as medidas de controle e nunca usem celular em áreas operacionais, certo? Nunca se arrisquem. Nunca. (ARBEX, 2022, p. 23).

É válido observar que, no decorrer da obra, a autora se preocupa em compor o seu texto com os diálogos entre os personagens. Esse é um item fundamental na narrativa já que pode ampliar a representação do ambiente em que tal fato foi ou está sendo sucedido. E não apenas isto, Samira Mesquita (1986) assegura que os diálogos entre as personagens são habilitados para causar um tipo de aceleração na narrativa. Segundo Mesquita, “ao instaurar o diálogo na narrativa, o narrador cede a palavra às personagens, abdicando, aparentemente, de sua função mediadora.”. Assim, a autora ainda esclarece que essa conversação, por se tratar da fala das pessoas de uma determinada região, carregam traços que são capazes de endossar as características pessoais e regionais, facilitando assim a função identitária da descrição. Daniela faz essas inserções no decorrer do livro ao descrever um momento em que Gleison conversa com o engenheiro de planejamento Diego Antônio de Oliveira, 27 anos, enquanto dirigia:

- Por falar em trabalho, neste fim de semana eu não virei, é minha folga
 - Comentou Diego. - Vou com a patroa e a pequena para Bonfim.
 - Bonfim? - admirou-se Gleison. - Uai, eu vou estar em Eixo Quebrado, na chácara do meu pai. É muito perto. Por que você não passa lá? Meu irmão cismou de fazer a Noite do Angu. Vai ter angu com couve e torresmo, linguça, frango, de todo jeito.
 -É mesmo?
 - É, sô. A turma vai juntar lá. Cada um leva a sua bebida, porque o tira-gosto ele vai ajeitar.
 - Então acho que vou pra lá também - animou-se o jovem.
 - Bora? Vamo tocar o bonde - brincou Gleison.
 Os dois deram risada, empolgados, e seguiram para a Mina de Jangada. (ARBEX, 2022, p. 26 e 27).

As propriedades de descrição e detalhamento são exploradas por Daniela ao longo de toda a sua obra. Ao versar sobre cada episódio que compreendem todo o cenário da tragédia, a autora realiza as introduções dos personagens que presenciaram o desastre. Daniela não se limita a elencar seus nomes e fazer breves apresentações como idade e profissão, não. Ela vai além, apresenta cada um deles sob a perspectiva do Novo Jornalismo que lhe permite atravessar as faculdades do imediatismo para explorar mais sobre quem é mais importante em todo esse contexto: o ser humano, e por que não dizer, a sua história? Ihuim (2016), ao se posicionar sobre a humanização da notícia, afirmou que os números, os dados, têm a sua importância, mas o jornalista precisa ir além dos números, mostrar quem são as pessoas, apresentar os seus estilos

de vida e quais são os seus anseios, sem estigmatizar e nem subestimar a pauta. Posto isto, observe como Daniela aplica tais propriedades ao narrar a história do personagem Lieuzo Luiz dos Santos, 55 anos:

Morador do município paulista de Ilha Solteira, Lieuzo estava a 1,2 mil quilômetros de casa e dava expediente na vida desde a infância. Quando menino, trabalhara em várias fazendas de algodão e só aos 18, com o ensino fundamental completo, encontrou a primeira oportunidade de mudar seu destino: conseguiu emprego no laboratório da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, onde o pai era contratado como segurança. A partir daí, aprendeu o ofício de sondagem e perfuração de solo, trocando a hidrelétrica pelas barragens de minério de ferro. Embora passasse longos períodos longe da esposa, dos três filhos e da neta, Lieuzo tinha conseguido dar aos seus descendentes o que não tivera: tempo para estudar. Com seu salário, pagava a faculdade de Biomedicina da filha mais nova e sentia um orgulho imenso de poder proporcionar à família algum conforto. Valorizava o que fazia, mesmo que a função o levasse para tão longe de seus amores. (ARBEX, 2022, p. 35).

Ainda no segundo capítulo, Daniela já começa a narrar, de forma mais enfática, os primeiros momentos aterrorizantes do rompimento da B1. Arbex não se utilizou de outra fonte para descrever tais fatos que não fosse as próprias vítimas que vivenciaram aquele pesadelo real. Ao descrever aquele episódio, em pormenores, Daniela proporciona ao leitor uma experiência de aproximação da realidade narrada, a ponto de lhe deixar imbuído naquele ambiente. Sobre esse poder que o processo da narrativa concebe, Rocha (2007) afirma que:

aquele que narra tem a capacidade de envolver o interlocutor com seu relato a ponto de despertar nele empatia, familiaridade ou mesmo o desejo de ser aquela a sua própria história. Assim, a reflexão, a emoção, a tristeza, a identificação ou sonho que cada história pode provocar no outro serão sempre marcados pelas intenções, habilidades e enquadramentos do narrador e, tratando-se de um processo relacional, também decorrentes da produção de sentidos daquele a quem a narração é dirigida (ROCHA, 2007, p. 12).

Quando ela cita cada elemento presente no momento em que o personagem, Lieuzo identifica o rompimento e se vê ilhado, sem saída, é praticamente impossível não se sensibilizar e não ter empatia, o que endossa a afirmação de Rocha sobre esses casos. Observe como Daniela descreve esse episódio de modo sensível e particularizado: “o técnico em perfuração e sondagem não teve nem tempo de se tranquilizar. Sentiu o chão tremer. Com o coração descompassado, a respiração ofegante, a pupila dilatada e a boca seca, ele foi tomado de pavor” (ARBEX, 2022, p. 40-41). Portanto, a estética que a função descritiva da literatura outorga ao jornalismo lhe concebe a aptidão de explorar sistematicamente cada cena do fato, na tentativa de aproximar o leitor daquela realidade explicitada no texto. Observe como ela retrata mais uma cena que representa as primeiras horas angustiantes após o rompimento da barragem:

Sebastião, pede perdão pra Deus que a hora de passar para o outro lado é esta - anunciou Elias, desligando o carro e puxando o freio de mão. - Vamos entregar a Deus nossas almas. Os dois deram-se as mãos e, juntos, começaram a rezar em voz alta. Em meio ao pai-nosso, ouviram uma pancada fortíssima na porta da caminhonete. Primeiro a lama bateu no lado do motorista, encobrindo o vidro próximo a Elias. Ele fechou os olhos, implorando por um fim rápido. O carro foi violentamente empurrado. Os destroços bateram no para-brisa, atingindo o lado de Sebastião, e o veículo foi lançado para cima. O vidro traseiro quebrou. - Livramento, meu Pai - sussurrou Elias. Quando o carro finalmente parou, o dia virou noite dentro dele. Ficou tudo escuro. (ARBEX, 2022, p. 53).

Levando em consideração a estruturação do próprio texto e da esquematização da montagem dos capítulos, é possível identificar o uso de uma das modalidades de expressão de tempo que Oswaldo Coimbra (2004) apresenta em seus estudos sobre o texto da reportagem impressa, balizado pela obra de Benedito Nunes⁶. A partir dos aspectos contidos no escrito de Daniela Arbex, podemos compreender que a modalidade predominante é o tempo linguístico. Segundo Coimbra (2004), nessa modalidade “Os eventos são organizados a partir de um marco temporal instalado no texto - um "agora"”. O autor complementa que este é, portanto, um suporte da temporalidade que serve para nortear a distinção sobre o que é passado e o que é futuro. Em “Arrastados”, o momento exato do rompimento da barragem (12h, 28 minutos e 24 segundos do dia 25 de janeiro de 2019.) é o “agora” da obra. É o acontecimento que norteia o discernimento do leitor sobre o contexto da tragédia. Observe como Daniela acentua a temporalidade na descrição das cenas: “Apenas 12 segundos após o rompimento da barragem, a inundação alcançava a linha de trem e os vagões que estavam em movimento”. (ARBEX, 2022, p. 49). A autora prossegue inserindo essas ênfases para situar o seu leitor quanto ao curso dos desdobramentos do desastre:

Eram 12h50 quando o governador Romeu Zema recebeu a primeira notícia sobre a barragem. Naquela sexta-feira, 25 de janeiro de 2019, ele estava no apartamento da irmã, em Araxá, a 367 quilômetros da capital mineira, visitando os pais idosos que não o viam desde que ele assumira o governo estadual, 25 dias antes. (ARBEX, 2022, p. 86).

Quatro horas após o rompimento da B1, doze helicópteros sobrevoavam um espaço aéreo reduzidíssimo. Ninguém ignorava que era preciso atenção máxima, pois havia risco de colisão. As aeronaves transportavam bombeiros, sobreviventes, autoridades políticas, como o governador Romeu Zema, e o então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles [...] (ARBEX, 2022, p. 134).

A todo momento o leitor pode ter uma experiência de acompanhar a tragédia praticamente em tempo real. A descrição cena a cena que Daniela introduz em sua obra compreende os acontecimentos quase que em sua totalidade. A autora se preocupa em deixar disponível um levantamento de informações, dados e relatos que constituem um enredo categórico e perdurável, fruto de seu trabalho de apuração e da contextualização presente em sua narrativa. De acordo com Quèrè (2005), “É preciso que o acontecimento tenha lugar, que ele se manifeste na sua descontinuidade e que tenha sido identificado de acordo com uma certa descrição e em função de um contexto de sentido”. Para o autor, essa manifestação é fundamental para que tal fato possa ser associado a um passado e a um futuro com uma explicação esclarecedora quanto à sua razão.

Mas em sua narrativa, a autora não se detém a narrar apenas o cenário da tragédia sob uma perspectiva macro. Ela vai nas minúcias, ela chega onde a factualidade das manchetes não conseguiu chegar. Ela preencheu as lacunas que ficaram abertas. Olhou no olho dos que sentiram na pele a angústia e o desespero de ter enfrentado aquela avalanche de lama. Se utilizando da estrutura que o Novo Jornalismo propõe, a autora realiza, durante a sua produção, inserções dos sentimentos e das emoções dos personagens com quem conversou e citou ao longo do seu texto. Aqui é salutar observar a utilização dos recursos emotivos que são característicos da obra literária. Medina (2008, p.84) afirma que nesses casos, a emoção não pode ser apresentada de forma esporádica, mas que deve estar atada no texto em sua essência. A autora assegura que “a emoção deve passar por meio da atmosfera narrativa, da penetração sutil nas entrelinhas do diálogo, nos silêncios, nos ritmos de cada pessoa”. É o que acontece quando descreve a situação em que se encontrava o personagem Antônio França Filho, que caiu de uma ponte altura de aproximadamente 7 metros:

⁶ O tempo na narrativa (1988).

- Alguém, por favor, me ajude!

Nada. Gritou e gritou até perder a noção do tempo.

Além dos próprios gritos, ele só ouvia o som insistente do celular que estava no bolso esquerdo da calça do seu uniforme. Impossível alcançá-lo. O calor daquela sexta-feira trágica tornava o ambiente mais insuportável ainda. Sentia muita sede. Também sentia medo. Não compreendia o que havia acontecido e se preocupava com o súbito desaparecimento dos colegas.

- Pessoal - chamou novamente.

Cada vez mais cansado, Antônio teve a impressão de estar todo quebrado. Já estava perdendo as esperanças, quando viu dois eletricitistas da Reframax no andar de cima do ITM. [...] (ARBEX, 2022, p. 70).

Daniela Arbex dá prosseguimento à sua abordagem tendo como limiar as particularidades da escrita literária, abdicando, assim, da tecnicidade condicionante do jornalismo convencional. Medina (2003) assegura que os autores da narrativa da contemporaneidade abrem mão do formato arrogante da divulgação dos fatos, não aderem o protagonismo oficial e questionam as formas de julgamentos estereotipados. Ao citar fontes oficiais que, costumeiramente compõem o ecossistema do jornalismo factual, Daniela faz diferente. Ela não lança mão apenas dos dados e das informações que estes detêm, mas rompe com os protocolos e insere esses profissionais em sua narrativa de modo peculiar, apresentado também seu lado pessoal, ela leva em conta o ser humano que há por trás da formalidade de uma patente ou de um fardamento. É o que acontece quando ela apresenta a Major Karla Lessa, a primeira comandante de helicóptero do Corpo de Bombeiros do Brasil. Arbex decidiu considerar não apenas a profissional, mas também a competência e a bravura de uma mulher que virara peça fundamental no salvamento de vidas em meio ao mar de lama.

Primeira comandante de helicóptero do Corpo de Bombeiros Militar do Brasil, Karla era movida a desafios desde que concluísse o curso de piloto da corporação, em 2015. Ser piloto exigia um complexo aprendizado e uma mudança de olhar, já que do alto toda noção espacial se modifica. Após cinco anos de estudo e mais de 300 horas de voo em treinamento, ela mostrou que uma oficial do Corpo de Bombeiros também pode chegar aonde quiser, principalmente se tiver asas. (ARBEX, 2022, p. 94).

Um outro eixo que cabe nesta análise, é ação investigativa desempenhada pela própria autora na busca das informações necessárias para compor a sua narrativa. A procura de Daniela se dava em razão de encontrar as vítimas e os seus familiares. A coleta de dados e de informações exigiu da autora uma rotina constante e desafiadora que a fazia abrir mão de parte de sua vida. Mesmo enlutada – por conta da morte do seu irmão que faleceu vítima de COVID-19 -, e correndo os riscos impostos pelo período crítico da pandemia, Daniela não titubeou em iniciar a sua investigação que resultou em dos documentos mais importantes sobre a história do Brasil, e que apontava, de certa forma, a sua relação com o seu irmão que perdera sua vida havia pouco tempo, como ela mesmo pontua: “decidi que não ficaria paralisada pela dor. Exatamente por saber o quanto ele se importava com a memória do Brasil, percebi que escrever sobre o rompimento da B1 manteria vivo o nosso sonho de contar histórias para tentar tornar melhor o lugar em que vivemos.” (ARBEX, 2022, p. 309). Assim ela dá início a sua trajetória pelo “caminho da lama”:

Conforme já havia decidido, comecei minha investigação em busca da família de Izabela, que localizei no município mineiro de Governador Valadares. De lá segui para São Paulo, depois voltei a Minas passando por Belo Horizonte e Ouro Preto. Perdi a conta do número de vezes que estive em Brumadinho. Sempre que retornava para Juiz de Fora, fazia o exame do PCR, para detectar se havia ou não a presença do coronavírus em meu organismo. Fiz mais de vinte

RT-PCRs no período, fora os testes rápidos de farmácia. Todos, felizmente, deram negativo. (ARBEX, 2022, p. 308).

Fazendo uma imersão de modo mais aprofundado sobre atuação da jornalista em sua narrativa, conseguimos identificar uma mescla daquilo que Lígia Leite (1987) denomina de *foco narrativo*. Podemos observar dois formatos do *foco narrativo* transitando na obra de Daniela. São eles: O modo de narrar testemunhal, em 1ª pessoa, que segundo Leite, dispõe de duas características: uma em que o narrador assume papel de personagem e a outra em que ele atua apenas com uma testemunha dos fatos e o seu papel de personagem torna-se secundário. Ainda de acordo com Leite, nesse formato, o ângulo de visão do jornalista acaba ficando limitado, já que para narrar os fatos, ele tem como fonte apenas aquilo que ele colheu, ou até mesmo aquilo que ele viu ou ouviu. Mas pelos aspectos que podemos identificar no texto, o formato do *foco Narrativo Dramático* (em 3º pessoa) também se faz presente em sua obra, que é justamente nos momentos em que ela descreve cena a cena o que aconteceu através dos relatos das suas personagens. Por fim, e não menos importante, Daniela se utiliza do *foco narrador protagonista* (em 1ª pessoa). No posfácio do seu livro, a jornalista compartilha com seus leitores a sua experiência de escrever o livro, sua ida a campo e o detalhamento de como sua vida teve de ser adaptada a partir do momento em que ela foi noticiada sobre o rompimento da barragem. Ao longo de seu relato, Daniela insere o “eu” na obra e torna a compreensão do acontecimento mais próxima e acessível para o seu leitor, por meio de suas reações introduzidas em seu relato:

A dor simbolizada naqueles desenhos mexeu muito comigo. Aos poucos, fui descobrindo que o medo era um sentimento comum e alcançava não só as crianças, mas principalmente os adultos. As pessoas sentiam medo de tudo, inclusive de dar entrevistas. Muitas porque não estavam prontas, outras porque temiam perder o apoio da Vale caso falassem algo que imaginavam ser inapropriado. (ARBEX, 2022 p. 306).

É salutar entender que o posicionamento da autora ao longo da obra corrobora para apresentar, de forma mais enfática todo o contexto em questão. Concomitantemente, as reações, expressões e comportamentos de Daniela cooperam indiretamente para endossar o que o “outro” sentiu ou está sentindo. Eliane Brum, uma das grandes expoentes do jornalismo literário e detentora de grandes obras da categoria livro-reportagem assevera que “o repórter tem licença para entrar na história se sua participação puder revelar mais do outro – e não de si mesmo. (BRUM, 2008, p.349).

Por fim, é essencial pontuarmos a utilização do recurso imagético que Daniela faz em sua obra. Conforme a autora descreve os episódios, há uma disponibilização de registros fotográficos que remetem ao cenário catastrófico causado pela ruptura da B1. Segundo Arnheim (2005, p. 4) “ver algo implica em determinar-lhe um lugar no todo: uma localização no espaço, uma posição na escala de tamanho, claridade ou distância” Ou seja, ao ter contato com a imagem, o indivíduo alcança autonomia para aplicar um julgamento visual sobre tal cenário. O agrupamento dos recursos linguísticos descritivos junto aos recursos visuais torna possível uma experiência sensorial e intuitiva próxima da realidade daquele acontecimento que marcou a história do Brasil.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer sobre as temáticas que compuseram a estrutura deste artigo, diversas conclusões relevantes podem ser consideradas, não apenas no campo do jornalismo propriamente dito, mas também em todas as esferas que o circundam. A partir do estudo que visa entender como é efetivada a relação do jornalismo com a literatura, pôde-se concluir que tal relação está para além da promoção de uma reportagem conduzida por aspectos líricos e estéticos. A narrativa literária atrelada ao jornalismo amplia o campo de abordagem e permite

ao profissional uma atuação mais humana e mais condizente com a essência do seu ofício que não se restringe ao ato de informar, mas perpassa objetivos de cunho social muito mais atenuados, como dar visibilidade aos que são ofuscados pelas práticas de injustiça e desigualdade que estão arraigadas na humanidade há séculos.

Já quando foram pontuadas as divergências entre o jornalismo perpassado pela factualidade e aquele que se desprende da temporalidade intrínseca dos periódicos convencionais, destacou-se a possibilidade da extensão da pauta por intermédio do livro-reportagem. Este gênero, diferente dos curtos espaços disponíveis que abarcam a complexidade dos fenômenos sociais abordados pelo jornalismo factual, possibilita a travessia dos limites impostos pela produção superficial e garante a autonomia de uma atuação mais ampla e mais precisa, principalmente quando se trata de acontecimentos de grande magnitude, como é o caso da tragédia ocorrida na cidade mineira de Brumadinho. Ao consideramos o livro-reportagem, abdicamos, portanto, de algumas práticas e condicionantes e abrimos margem para a construção de uma narrativa acrescentada de recursos esteticistas da literatura, assim como da humanização do relato, proveniente da estrutura proposta pelo Novo Jornalismo.

Utilizando-se dessas técnicas e desse gênero – livro-reportagem –, Daniela Arbex produziu mais uma amostra do verdadeiro jornalismo humanizado que se vale dos artifícios da literatura. Seu livro “*Arrastados – Os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil*” traz consigo um valor inenarrável, já que retrata, com precisão, a maior tragédia do país.

Durante a análise da obra, constatou-se que a autora explora os recursos linguísticos e lança mão de descrição pormenorizada da sucessão dos episódios que compõem o cenário do desastre, situando o seu leitor entre o “antes e o “depois” do acontecimento. Não sendo o bastante, ela ainda insere em seu processo produtivo a ação investigativa. Com isso, a autora consegue preencher a vacuidade deixada pelas coberturas frenéticas acontecidas ao longo do período em que se deu o desastre e os trabalhos de busca. Não que a notícia, em seu formato factual, posta na necessidade do imediatismo, na urgência que suscita passar informações emergentes não tenha sua razão de ser e assim se fazer.

Arbex ainda consegue dirimir alguns questionamentos que ainda pairavam em parte da população do país. *Arrastados* é mais do que um livro, se tornou um documento necessário sobre a história do nosso país e é peça fundamental para o jornalismo ao endossar a possível relação entre a estética da narrativa literária e a densidade de investigar o que não virou notícia.

Por fim, é válido ressaltar que a produção analisada neste trabalho não se detém a atender as necessidades do jornalismo em termos técnicos. A jornalista transcende o previsível e, de forma empática, sensível e precisa, expressa o que muitos brasileiros sentiram e ainda sentem no que tange à culpa da Vale nesse contexto: o desejo de justiça. Haja vista os resultados obtidos a partir desta análise, tributo o meu reconhecimento à Daniela Arbex pelo seu excepcional trabalho e concluo este trabalho fazendo uso das palavras de Ijuim (2016): “Defendo um jornalismo em que o ser humano seja o ponto de partida e o ponto de chegada.” Não há sentido no fazer jornalístico se não houver a intenção de andar junto da sociedade, se não neutralizar os estigmas e se não assumir um compromisso supremo com a busca pela garantia dos Direitos Humanos e com a ação transformadora que a comunicação detém.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, Daniela. **Arrastados**: os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

_____. **Holocausto Brasileiro**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

_____. **Todo Dia A Mesma Noite**: a história não contada da Boate Kiss. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira Thompson, 2005.

BASILE, Juliano. **Adaptações do jornalismo em tempos de novas tecnologias**. Dissertação (pós-graduação em comunicação) - Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação. Brasília, p.301, 2009

BORTOLI, Suzana. “Jorge Kanehide Ijuim”: Sobre o jornalismo humanizado. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 5-13, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/114108>. Acesso em: 10/ 2022.

BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. **Narrativa**: problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica. V. 16, N. 3, P. 525-535, 2003.

CHILLÓN, Albert. **Literatura y periodismo**: una tradición de relaciones promiscuas. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 1999.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. Um curso sobre sua estrutura. São Paulo, SP: Ática, 1ª ed. 2004.

DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. 21 ed., São Paulo: Ática: 1987.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias – Um manual para jornalistas investigativos**. Montevideo: Oficina Regional de Ciencias de la UNESCO para América Latina y el Caribe, 2013.

JUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas - um roteiro de viagem**. (Tese deDoutorado). São Paulo: ECA/USP, 2002.

LEITE, Ligia Moraes. **O foco narrativo**. 32 ed., São Paulo, Ática: 1987.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole. 2004.

MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo**. São Paulo, Ática: 1986.

ROCHA, Patrícia. **Jornalismo em primeira pessoa**: a construção de sentidos das narradoras da revista TPM. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação) – UFRGS: Porto Alegre, 2007.

SCHUDSON, Michael. **The power of the news**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

AGRADECIMENTOS

A caminhada foi longa, mas valeu a pena! Não há como explicar o que se sente neste momento. Os sentimentos se entrelaçam e fica difícil de descrevê-los. Mas sem dúvidas, a gratidão e a sensação de dever cumprido se sobressaem. E é por ter chegado aqui, e por todas as outras benesses concedidas, por bondade e graça, que externo toda a minha gratidão **ao meu Deus**. Por ser fiel e não me desamparar. Por ser meu porto-seguro, pelo dom da vida, pelo seu amor imensurável e por sua infinita graça que me alcançou, tributo a Ele honra e glória.

À **minha mãe**, minha joia mais rara, que esteve comigo em todos os momentos, abdicando de tudo o que fosse necessário para garantir a melhor educação a mim e ao meu irmão. Por todo o amor, por toda a garra e dedicação, por cada incentivo e por todo suporte, pelo cuidado e pelo colo de mãe. A senhora é responsável por grande parte de tudo isso. Te amo infinitamente.

Ao **meu pai**, pelo apoio e pelo sustento ao longo da minha infância e juventude, por junto com minha mãe, enfrentar todas as dificuldades e garantir o necessário para que eu pudesse prosseguir em busca dos meus objetivos. Aproveito aqui para agradecer ao **meu irmão Rafael**, pela parceria de sempre e por todo apoio dado ao longo do nosso crescimento.

À **minha tia Simone**, responsável por me incentivar a buscar o que eu almejava por meio da educação. Pela força transmitida e por ter sido modelo.

Aos **meus avós**, por me rodearem de aconchego e afeto e por terem me ajudado a chegar aqui. Sou agraciado por tê-los em minha vida.

À **Rosa**, que cumpriu um papel essencial ao longo da minha caminhada, e como uma mãe, esteve a todo momento me orientando com conselhos preciosos. Pela consideração e pelo carinho de sempre.

A todos da minha família que acreditaram em mim e me deram incentivo necessário para que pudesse chegar aqui.

Às minhas queridas amigas, que estiveram comigo durante o ensino médio, **Larissa e Érika**, pela cumplicidade e por me arrancar as melhores risadas nas manhãs no AGA. Pela irmandade até aqui e pelo suporte nos momentos mais difíceis que entrei. Amo vocês!

Aos meus cinco amigos que estiveram junto comigo ao longo dessa jornada acadêmica: **Ana Beatriz, Erickson Nogueira, Léia Marques, Stefhanny Nascimento e Rossana Iândja**, tornando essa experiência mais leve. Pela parceria, pelo incentivo mútuo, pelos momentos de descontração. Seguiremos juntos! Amo vocês.

A todos que fazem parte do DICG: **Andreza, Gláucia, Isaías, Rosilene, Sandréa, Vanusa** pelo acolhimento, pelo senso de família, pelo incentivo e pelas orações. Ao bonde que tanto amo (**Amanda, Alex, Israely, Karol, Rayla, Sara e Wéllita**) vocês fazem parte disso! Amo vocês.

Aos meus amigos, que os considero como membros da minha família: **Zezé, Jaciline, Gilcélia, Marcelo, Déborah, Gilma, Valdemir, Gilmara, minha vó Amenaíde, Lenice** e a tantos outros, pela amizade valorosa e pela consideração inestimável.

Aos que compõem a **VINACC**, e aos que compõem a **Rádio Campina Fm**, onde pude crescer pessoalmente e profissionalmente ao longo desses anos de graduação.

A **Alan Ferreira, Bruna Moraes, Pedro Pereira**, pelas orientações e pelo elo que transcendeu o ambiente laboral, pela amizade sincera. À **Millena Sousa**, a quem tanto admiro e a tenho como amiga e tutora, por todo suporte, conselhos, pela cumplicidade e pela credibilidade depositada em meu trabalho.

A **Veneziano Gonçalves** e a todos que compõem a Mais Vídeo, por acreditarem em mim e no meu profissionalismo, por todo apoio e pela rica colaboração na minha formação.

A **todos os professores** que tive o privilégio de ser aluno, pela paciência e pela dedicação no ato de lecionar.

Aos professores **Ana Sousa e Rostand Melo**, que aceitaram o convite para compor a banca examinadora, pelos ensinamentos compartilhados e pela contribuição significativa em minha formação.

Por último e não menos importante, à minha orientadora, **Ada Guedes**. Tê-la como orientadora foi expressão da graça e da bondade de Deus em minha vida. Por ter aceitado o desafio e por mergulhar comigo nessa. Por ser categórica, didática e acessível. Por toda a contribuição ao longo da minha jornada acadêmica e por ser modelo de profissional

Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito. Romanos 8:28